

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

12 e 19 de Novembro de 2025

So Big! / 1932

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* J. Grubb Alexander, Robert Lord e James C. Fagap, Joseph Jackson (*não creditados*) a partir do romance de Edna Ferber (*So Big*, 1924) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Sid Hickox *Som* (Vitaphone): Robert B. Lee *Som* (equipa): Francis E. Stahl, Frank Maher, White, Alphen *Montagem:* William Holmes *Música:* W. Franke Harling *Canção:* “A Bicycle Built for Two” *Assistentes de realização:* Dolph M. Zimmer, Russell Saunders *Interpretação:* Barbara Stanwyck (Selina Peake), George Brent (Roelf), Dickie Moore (Dirk, rapaz), Guy Kibbee (August Hemple), Bette Davis (Dallas O’Mara), Mae Madison (Julie Hemple), Hardie Albright (Dirk em adulto), Robert Warwick (Simenon Peake), Arthur Stone (Jan Steen), Earl Foxe (Pervus DeJong), Alan Hale (Klaus Pool), Dorothy Peterson (Maarje Pool), Dawn O’Davy [Ann Sheridan] (Selina em criança), Dick Winslow (Roelf em criança), etc.

Produção: Warner Brothers-Vitaphone (EUA, 1932) *Produtor:* Darryl F. Zanuck *Supervisor de produção:* Lucien K. Hubbard *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, 81 minutos, versão original em inglês legendada eletronicamente em português *Título na película:* “SO BIG!” *Estreia Mundial:* 29 de Abril de 1929, Strand, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Era gentil e paciente. Não nos dizia o que fazer. Tomava por certo que sabíamos do ofício, mas havia compreensão e orientação. O Bill fazia o seu trabalho de casa, por assim dizer, e a realização ficava desenhada muito antes de começar um filme. Conhecia os planos e imprimia o ritmo, a eles e a nós, a par. O Bill esperava que os actores dele fizessem o mesmo e apesar de nunca o ter visto com mau génio, imagino que fosse um inferno. Adorava o seu trabalho e punha nele todo o seu saber e a sua vitalidade.

Barbara Stanwyck

numa carta publicada no prefácio de *William A. Wellman*, Frank T. Thompson, 1983

Em todos estes anos deparei-me com poucos papéis que primassem pela naturalidade, uma naturalidade na personagem semelhante à minha própria personalidade. É uma coisa que lamento.

Bette Davis

Mother Goddam (1974) citada por William Wellman, Jr. referindo *SO BIG!* como um filme favorito

Emancipação feminina, volte a soletrar-se a propósito de Wellman, no caso, à vista da história da mulher que vive duas vezes em *SO BIG!* na pele de Barbara Stanwyck. No sentido wellmaniano da expressão, tal significa que as peripécias seguem voltas e reviravoltas à cadência acelerada da economia narrativa que caracteriza, em especial, os seus filmes da década de 1930. Veloz e fértil década de 1930, volte a dizer-se. Nesta produção da Warner com a Vitaphone, o material de partida favorecia e, ainda num papel dos anos iniciais, o segundo com Wellman após *NIGHT NURSE*, Barbara Stanwyck potencia tudo. Condensada nuns oitenta minutos, a história dos sessenta anos de vida de Selina Peake baseia-se no romance da escritora e dramaturga Edna Ferber de 1924, distinguido como Pulitzer em 1925, e um *best-seller* nos Estados Unidos, várias vezes adaptado ao cinema (antes de Wellman, numa versão muda realizada por Charles Brabin, com Collen Moore; em 1953, na adaptação de Robert Wise protagonizada por Jane Wyman). Para Stanwyck, foi o filme (o papel) que convenceu os renitentes de como era excepcional: o crítico do *The New York World-Telegram* escreveu na época, “Pela sua interpretação em *SO BIG!* Barbara Stanwyck afirma-se definitivamente junto deste escriba como uma brilhante atriz emocional.”

O melodrama da órfã que perde os privilégios quando perde o progenitor, se torna professora para ganhar a vida, casa com um imigrante camponês, conhece a rudeza, a pobreza, tem um filho a cuja educação dedica a

vida, apresenta-se como uma saga americana nos instantes iniciais. Um cartão sobre a roda de casino a girar no primeiro cenário do filme imprime, “Chicago, anos 1880 – próspera, vibrante, repleta de vida. A porta de entrada para o Grande Oeste”. Cinco minutos de filme depois, um fundido a negro abre para um plano da fotografia de grupo na qual Barbara Stanwyck entra em *so big!* (uma fotografia de turma, silêncio na banda de som), na primeira elipse que cava os anos entre a sua personagem em criança, protegida e compincha do pai, e a juventude em que cedo o perde. Poucos instantes depois. O motivo dos espargos, a planta comestível que atravessa o filme, surge na conversa inicial com o pai, “Fazem-te bem”.

A deslocação para a “High Prairie” anunciada no grande plano que destaca as frases de uma carta é anunciada aos cerca de doze minutos, fundindo as letras com os campos cultivados de couves a que Selina chega para ensinar como professora na escola da comunidade local, encantando-se com um miúdo que se encanta com ela, lhe faz o desenho dos campos de couves, que “detesta” com a mesma intensidade que lhe interessa aprender. É o miúdo que desaparece da história quando percebe que a sua vida passa por partir para longe e, em adulto, artista autodidacta, Roelf cumpre um destino que escapa a Dirk, o filho de Selina, regressando quando ela se abeira da velhice para um abraço em que cabem todas as palavras não ditas. A história de Selina é a de uma lutadora, uma mãe coragem, forte como o mundo para cuidar do filho de ar angelical em criança que cresce vagamente apatetado. O título, do filme como do romance – a que o filme acrescenta aspas, destacando a voz da mulher –, vem da personagem do rapaz, com quem a mãe faz um jogo de palavras e gestos desde pequenino: “How big is my boy? How big is my son? / So big.” “Muito grande” e desgraçadamente mais “pequeno” do que a largura que as suas mãos vão abrindo quando responde à mãe no curso do tempo.

Com a progressão narrativa, que descreve o tal arco de sessenta anos, a personagem de Stanwyck, que na época teria vinte e cinco, vai envelhecendo, enrijecendo sem perder a doçura de espírito com a jovialidade, não obstante as muitas agruras, a vida agreste, desgostos, decepções. Logo após o casamento com o lavrador de origem holandesa, os planos insistem no duro quotidiano da personagem, que lava, esfrega, cozinha, costura, pinta, trata, cuida, cumpre mil e uma tarefas sem descanso mesmo durante a gravidez. E depois trata do filho, dos campos cultivados, do marido doente. E volta a ficar sozinha com o pequeno pela mão, empenhando-se na lavoura para garantir o sustento e a educação da criança. Um novo cartão sobreimpresso à imagem dos campos indica nova elipse, de anos – com o filho crescido, de cabelo grisalho e rugas na cara, o sorriso de Selina continua a iluminar o rosto de Stanwyck. O filho Dirk desiste da arquitectura para ganhar dinheiro na firma do marido de uma amante, ainda que se apaixone pela desempoeirada jovem artista que o apresenta a Roelf. Dallas O’Mara é a personagem de Bette Davis, num dos seus primeiríssimos papéis, que assinou pela Warner precisamente em 1932, dois anos depois da chegada a Hollywood e à passagem, não muito feliz, pelos estúdios da Universal. A *naturalidade* da personagem pela qual a actriz se sentia cativada muitos anos depois, guardando com apreço este filme de Wellman, está estampada nos planos em que com toda a graça o habita. Certeira, sincera, sem subterfúgios, respirando com todo o gosto o ar puro.

A sequência final, na quinta, é a visita dos três, Dirk, Dallas e Roelf, a Selina, derivando para duas cenas a dois – a do pungente reencontro de Selina e Roelf e a do belíssimo diálogo entre Dallas e Dirk (ou um monólogo) no contracampo de Selina e Roelf, com Dallas a assinar “a moral da história” com o elogio dos retratos a fazer dos homens e das mulheres que têm a dignidade estampada nos corpos. Como a mãe dele, vista no grande plano seguinte. “Cheia da luz interior que é a dela.” O discurso de Dallas /Davis prossegue o elogio das mulheres americanas e das mãos que contam a história de vida. É a última voz de *so big!* O beijo dedicado das mãos de Selina por Roelf em frente à janela que abre para os campos, lembrando um ecrã (como em algumas cenas de *PURCHASE PRICE*, e de *A STAR IS BORN*, entre outros Wellman), pontua o final de olhos lavados de lágrimas contidas.